This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SAL935 2.2.12

Harvard College Library

FROM

Ministry of Justice
of Brazil

SAL 7100 1.3

PROSOPOPEA

POR

BENTO TEIXEIRA

PROSOPOPEA

POR

BENTO TEIXEIRA

Reproducção fiel da edição de 1601 segundo o exemplar existente

NA

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

DO

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO, RUA PRIMEIRO DE MARÇO N. 21.

1873

~~SAL 9130.1.3~~
SAL 9352.2.12

Ministry of Justice
of Brazil

AO LEITOR.

Haviam sido infructiferas todas as tentativas até aqui feitas em Portugal e no Brasil para descobrir-se um exemplar da *Prosopopea* de Bento Teixeira; mas a 18 de Julho do anno proximo passado o muito illustre snr. barão de Porto-Seguro teve a boa estrella de acha-lo na Bibliotheca Publica de Lisboa, e ao seo feliz descobrimento seguiu-se o que fizemos na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, e de que demos compta ao Instituto Historico e Geographico do Brasil em uma de suas últimas sessões.

Si glória nos-cabe por similhante achado, devemo-la sem dúvida ao snr. barão de Porto-Seguro, cuja charta foi para nós santelmo de viagem e a um tempo movel de extrema e indizivel curiosidade; conseguintemente a esse distincto brasileiro, mais que a nenhum outro, agradeçam as lettras patrias o assignalado serviço, que nos-parece vae prestar ésta publicação.

O exemplar pertencente á Bibliotheca Nacional da Côrte, encontramo-lo na extensa e riquissima collecção *Barbosa Machado*, que é um dos inestimaveis thesouros d'este estabelecimento. Mais uma vez respeitaram os annos o que um bibliophilo guardou com tanto amôr e carinho!

Entretanto, como facilmemte se-comprehende, ésta joia bibliographica não era accessivel a todos, e o que é mais, se-achava exposta a desapparecer por qualquer accidente imprevisto. D'aqui a idea de reimprimir-se a *Prosopopea*.

Pedimos para isso auctorização do Governo Imperial, e ella nos-foi promptamente concedida.

¿ Mas deveria alterar-se o curioso poemeto de Bento Teixeira corrigindo os seos numerosos erros de orthographia, vestindo-o á moderna, tirando-lhe emfim o cunho de honrosa vetustez?

Pareceu-nos que não, e neste pensar tentamos reproduzir com a maior fidelidade possivel o exemplar de 1601, á similhança do que modernamente se-práctica com obras d'este genero em Allemanha, França, Inglaterra e outros paizes. Afaga-nos a idea de o-havermos conseguido quanto cabia nos recursos que aqui tinhamos á mão, e mediante a sollicita cooperação do snr. H. Fleiuss, que se-encarregou do trabalho artistico com um zêlo digno de todo o encomio; afora alguma differença de typo, no demais,—no que respeita a gravuras, paginação, orthographia, etc. é perfeita a identidade entre o exemplar de 1601 e os que ora saem a lume.

Aqui têm pois os cultores das boas lettras um dos primeiros documentos de nossa história litteraria, e mui provavelmente, que o-saibamos, o primeiro trabalho poetico publicado em Portugal por filho d'este nosso caro Brasil.

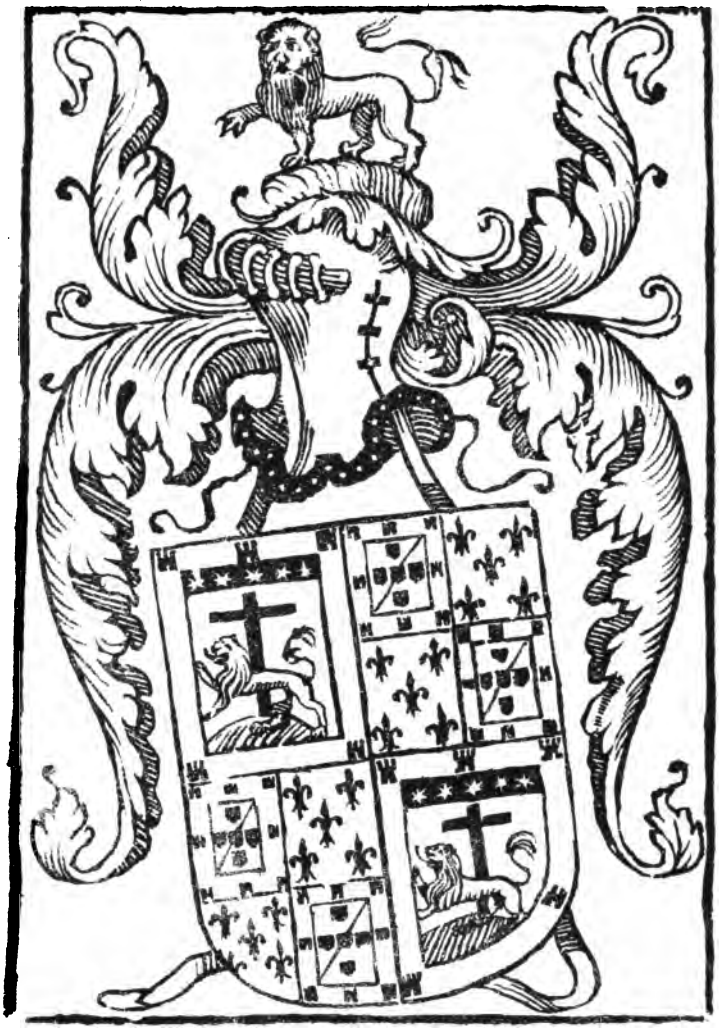
Aindaque lhe-puderiamos apponctar alguns versos de inspiração feliz, cumpre reconhecer que não é grande o merecimento poetico da *Prosopopea*; mas seo valor historico e bibliographico não tem contestação possivel, e elle sobe de poncto ao considerar-se que é este o unico trabalho pertencente ao nosso conterraneo B. Teixeira de quantos lhe -foram attribuidos pelo docto abbade de Sancto Adrião de Sever. E' ésta pelo menos a nossa humilde opinião depois do que tão sabiamente ponderou o snr. barão de Porto-Seguro em sua charta de 8 de Octubro de 1872.

Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Bibliothecario da Bibliotheca Nacional e Publica.

Rio de Janeiro, aos 23 de Janeiro de 1873.

A IORGE DALBVQVERQVE
Coelho, Capitão, & Gouernador de Paranambuco.



Em Lisboa: Impresso com licença da Sancta Inquisição: *Por Antonio Aluarez. Anno MCCCCCCI*

PROLOGO

Dirigido a Iorge Dalbuquerque Coelho, Capitão, & Gouernador da Capitania de Paranambuco, das partes do Brasil da noua Lusitania, &c.

SE HE VERDADE, O QVE Diz Oracio, que Poetas, & Pintores, estão no mesmo prédicamento: & estes pera pintarẽ perfeytamente hũa Imagem. primeyro na lisa tauoa fazem riscunho, pera depois irem pintando os membros della extensamente, até realçarem as tintas, & ella ficar na fineza de sua perfeyção: Assim eu querendo dibuxar com obstardo pinzel de meu engenho a viua Imagem da vida, & feytos memoraueis de vossa merce, quis primeyro fazer este riscunho, pera depois, sendome concedido por vossa merce, yr muy particularmente pintando os membros desta Imagem, senão me faltar a tinta do fauor de voffa merce, a quem peço humildemente, receba minhas Rimas, por serem as

primicias com que tento seruilo: E porque entendo, que as aceytará com aquella beneuolencia, & brandura natural, que custuma, respeytando mais a pureza do animo, que a vileza do presente. Não me fica mais que desejar, senão ver a vida de vossa merce augmentada, & estado prosperado, como todos os seus subditos desejamos.

Beija as mãos de vossa merce. (Bento Teyxeyra)
Seu vassallo.

PROSOPOPEA,

Dirigida a Iorge Dalbuquerque Coelho, Capitão, & Gouernador de Peranambuco, noua Lusitania. &c.

ANTEM Poetas o poder Romano,
Sobmettendo Nações ao jugo duro,
O Mantuano pinte, o Rey Troyano,
Decendo á confusão do Reyno escuro.
Que eu canto hũ Albuquerque soberano
Da Fé, da cara Patria firme muro,
Cujo valor, & ser, que o Ceo lhe inspira,
Pode estancar a Lacia, & Grega lira.

As Delphicas irmãs, chamar não quero,
Que tal inuocação, he vão estudo,
Aquelle chamo só, de quem espero,
A vida que se espera em fim de tudo.
Elle fará meu Verso tam sincero,
Quanto fora sem elle, tosco, & rudo,
Que per rezão negar, não deue o menos,
Quem deu o mais, a miseros terrenos.

8 E vos sublime Iorge, em quem se esmalta,
A Estirpe Dalbuquerques excellente,
E cujo ecco da fama corre, & salta,
Do Carro Glacial, á Zona ardente,
Suspendey por agora a mente alta,
Dos casos varios da Olindesa gente,
E vereys vosso irmão, & vos supremo,
No valor, abater Querino, & Remo.

Vereys hum sinil animo arriscado,
A trances, & conflictos temerosos,
E seu raro valor executado,
Em corpos Lutheranos vigurosos.
Vereys seu Estandarte derribado,
Aos Catholicos pés victoriosos,
Vereys emfim o garbo, & alto brio,
Do famoso Albuquerque vosso Tio.

Mas em quanto Thalia no se atreue,
No Mar do valor vosso, abrir entrada,
Aspiray com fauor á Barca leue,
De minha Musa inculta, & mal limada.
Inuocar vossa graça, mais se deue,
Que toda a dos antigos celebrada,
Porque ella me fará que participe,
Doutro licor milhor, que o de Aganippe.

O mar.

O marchetado Carro do seu Phebo,
Celebre o Sol Munés, com falsa pompa,
E a ruyna cantando do mancebo,
Com importuna voz, os ares rompa.
Que posto que do seu licor não bebo,
A fama espero dar tam viua trompa,
Que a grandeza de vossos feytos cante,
Cõ som, q̃ Ar, Fogo, Mar, & Terra, espãte.

Narração.

A Lampada do Sol, tinha encuberto,
Ao Mundo, sua luz serena, & pura,
E a irmám dos tres nomes descuberto,
A sua terga, & circular figura.
Lá do portal de Dite, sempre aberto,
Tinha chegado com a noyte escura,
Morpheu, que cõ subtis, & lentos passos,
Atar vem dos mortaes os mẽbros lassos.

Tudo estaua quieto, & sossegado,
Só com as flores Zephyro brincaua,
E da varia fineza namorado,
De quãdo, em quãdo o respirar firmaua.
Até que sua dór damor tocado,
Per antre folha, & folha declaraua,
As doces Aues nos pendentes ninhos,
Cubrião com as asas seus filhinhos.

As luzentes Estrellas scintillauão,
E no estanhado Mar resplandecião,
Que dado que no Ceo fixas estauão,
Estar no licor falso parecião.
Este passo os sentidos preparauão,
A aquelles que damor puro viuião,
Que estãdo de seu centro, & fim absentes,
Com alma, & cõ võtade estão presentes.

Quando ao longo da praya, cuja areá,
He de Marinhas aues estampada,
E de encrespadas Conchas mil se arrea,
Assim de cór azul, como rosada.
Do Mar cortando a prateada vea,
Vinha Tritão em colla duplicada,
Não lhe vi na cabeça casca posta,
(Como Camões descreve) de Lagosta.

Mas hũa Concha lisa, & bem laurada,
De rica Madre Perola trazia,
De fino Coral crespo marchetada,
Cujo lauor o natural vencia
Estava nella ao viuo debuxada,
A cruel, & espantosa bataria,
Que deu a temeraria, & cega gente,
Aos Deoses do Ceo, puro, & reluzente,

Hum

Hum Buzio desigual, & retrocido,
Trazia por Trombeta sonorosa,
De Perolas, & Aljofar guarnecido,
Com obra muy subtil, & curiosa,
Depois do Mar azul ter diuidido,
Se sentou nũa pedra Cauernosa,
E com as mãos limpamdo a cabelleyra
Da turtuosa colla fez cadeyra.

Toca a Trombeta com crecido alento,
Engrossa as veas, moue os elementos,
E rebramando os ares com o accento,
Penetra o vão dos infimos assentos.
Os Polos que sustem o firmamento,
Abalados dos proprios fundamentos,
Fazem tremer a terra, & Ceo jucundo,
E Neptuno gemer no Mar profundo.

O qual vindo da vâm concauidade,
Em Carro Triumphal, com seu tridente,
Tras tam soberba pompa, & magestade,
Quanta conuem a Rey tam excellente.
Vem Oceano pay de mór idade,
Com barba branca, com ceruiz tremẽte,
Vem Glauco, vẽ Nereu, Deoses Marinhos
Correm ligeros Phocas, & Golphinhos.

Vem o velho Proteu, que vaticina,
(Se fé damos á velha antiguidade)
Os males a que a sorte nos destina,
Nacidos da mortal temeridade.
Vem nũa, enoutra forma peregrina,
Mudando a natural propriedade,
Não troque a forma, venha confiado
Senão quer de Aristeu ser sogigado.

Thetis, que em ser fermosa se recrea,
Tras das Nimphas o coro brãdo, & doce,
Climene, Ephyre, Opis, Panopæa,
Com Beroe, Thalia, Cymodoce.
Drymo, Xantho, Lycorias, Deyopæa,
Arethusa, Cydippe, Philodoce,
Com Eristea, Espio, Semideas,
Apos as quaes cantando, vem Sereas.

DESCRIPção do Recife de Paranambuco.

✠

ERA A parte do Sul, onde a pequena,
Vrsa, se vé de guardas rodeada,
Onde o Ceo luminoso, mais serena,
Tem sua influyção, & temperada.
Iunto da noua Lusitania ordena,
A natureza, mãy bem atentada,
Hum porto tam quieto, & tam seguro,
Que pera as curuas Naos serue de muro.

He este porto tal, por estar posta,
Hũa cinta de pedra, inculta, & viua,
Ao longo da soberba, & larga costa,
Onde quebra Neptuno a furia esquiua.
Antre a praya, & pedra descomposta,
O estanhado elemento se diriua,
Com tanta mansidão, que hũa fateyxa,
Basta ter à fatal Argos anneyxa.

Em o meyo desta obra alpestre, & dura,
Hũa boca rompeo o Mar inchado,
Que na lingoa dos barbaros escura,
Paranambuco, de todos he chamado.
De Para, na que he Mar, Puca rotura,
Feyta com furia desse Mar salgado,
Que sem no diriuar, commetter mingoa,
Coua do Mar se chama em nossa lingoa.

Pera entrada da barra, á parte esquerda,
Està hũa lagem grande, & espaçosa,
Que de Pyratas fora total perda,
Se hũa torre tiuera sumptuosa.
Mas quẽ por seus seruiços bõs não herda,
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do Rey q̃ não he franco,
O vassallo faz ser nas obras manco.

Sendo os Deoses á lagem ja chegados,
Estando o vẽto em calma, o Mar quieto,
Depois de estarem todos sossegados,
Per mandado do Rey, & per decreto.
Proteu no Ceo, cos olhos enleuados,
Como que inuistigava alto secreto,
Com voz bem entoada, & bom meneyo,
Ao profundo silencio, larga o freyo.

Canto

Canto de Proteu.

PEllos ares retumbe o graue accento,
De minha rouca voz, confusa, & lenta,
Qual toruão espantoso, & violento,
De repentina, & horrida tormenta.
Ao Rio de Acheronte turbulento,
Que em sulphureas burbulhas arrebenta,
Passe com tal vigor, q̃ imprima espanto,
Em Minos riguroso, & Radamantho.

De lanças, & descudos encantados,
Não tratarey em numerosa Rima,
Mas de Barões Illustres afamados,
Mais que quantos a Musa nam sublima.
Seus heroycos feytos extremados,
Affinarão a dissoante prima,
Que não he muyto tam gentil subjeyto,
Supplir com seus quilates meu defeyto.

Não quero no meu Canto algũa ajuda,
Das noue moradoras de Parnaso,
Nem materia tam alta quer que alluda,
Nada ao essencial deste meu caso.
Porque dado que a forma se me muda,
Em falar a verdade, serey raso,
Que assim cõuem fazello, quem escreue,
Se á justiça quer dar o que se deue.

A fama

25) A fama dos antigos, co a moderna,
Ficá perdendo o preço sublimado,
A façanha cruel, que a turua Lerna,
Espanta com estrondo darco armado.
O cão de tres gargantas, que na eterna,
confusaõ infernal, está fechado,
Nã louue o braço de Hercules Thebano,
Pois procede Albuquerque soberano.

26) Vejo (diz o bom velho) que na mente,
O tempo de Saturno renouado,
E a opulenta Olinda florescente,
Chegar ao cume do supremo estado.
Será de fera, & bellicosa gente
O seu largo destricto pouoado,
Por nome terá, Noua Lusitania,
Das Leys isenta da fatal insania.

27) As redeas terá desta Lusitania,
O gram Duarte, valeroso, & claro,
Coelho por cognome, que a insania,
Reprimirá dos seus, com saber raro.
Outro Troyano Pio, que em Dardania,
Os Penates liurou, & o padre caro,
Hum Publio Scipião, na continencia,
Outro Nestor, & Fabio, na prudencia.

O braço

O braço inuicto vejo com que amansa,
A dura ceruiz, barbara insolente,
Instruindo na Fé, dando esperança,
Do bem que sempre dura, & he presente,
Eu vejo co rigor da tesa lança,
Acossar o Frances impaciente,
De lhe ver alcançar hũa victoria,
Tam capaz, & tam digna de memoria.

Terá o varão Illustre, da consorte,
Dona Beatriz, preclara, & excellente,
Dous filhos, de valor, & dalta sorte,
Cada qual a seu Tronco respondente.
Estes se isentarão da cruel sorte,
Eclipsando o nome á Romana gente,
De modo que esquescida a fama velha,
Fação arcar ao mundo a sobrancelha.

O Principio de sua Primauera,
Gastarão seu destricto dilatando,
Os barbaros crueis, & gente Austera,
Com meyo singular, domesticando.
E primeyro que a espada lisa, & fera,
Arranquem, cõ mil meyos damor brãdo.
Pretenderão tirala de seu erro,
E senão porão tudo a fogo, & ferro.

Os bra-

Os braços vigorosos, & constantes,
Fenderão peytos, abrirão costados,
Deyxando de mil membros palpitantes,
Caminhos, arrayaes, campos juncados.
Cercas soberbas, fortes repugnantes,
Serão dos nouos Martes arrasados,
Sem ficar delles todos, mais memoria,
Que a queu fazẽdo vou em esta Historia.

Quaes dous soberbos Rios espumosos,
Que de montes altissimos manando,
Em Thetis, de meterse desejosos,
Vem com furia crescida murmurando.
E nas partes que passão furiosos,
Vem aruores, & troncos arrancando,
Tal Iorge Dalbuquerque, & o grã Duarte
Farão destruyção em toda a parte.

Aquelle branco Cisne venerando,
Que noua fama quer o Ceo que merque,
E me está com seus feytos prouocando,
Que delle cante, & sobre elle alterque.
Aquelle que na Idea estou pintando,
Hieronymo sublime Dalbuquerque,
Se diz, cuja inuenção, cujo artificio,
Aos barbaros darà total exicio.

Deste

Deste, como de Tronco florescente,
Nacerão muytos ramos, que esperança,
Prometerão a todos géralmente,
De nos berços do Sol prégar a lança.
Mas quando virem que do Rey potente,
O pay por seus seruiços, não alcança,
O galardão deuido, & gloria digna,
Ficarão nos alpendres da Picinna.

O sorte, tam cruel, como mudauel,
Porque vsurpas aos bons o seu direyto?
Escolhes sempre o mais abominauel,
Reprouas, & abominas o perfeyto.
O menos digno, fazes agradauel,
O agradauel mais, menos aceyto,
O fragil, inconstante, quebradiça,
Roubadora dos bens, & da justiça.

Não tens poder algum, se ouuer prudencia,
Não tens Imperio algum, ne Magestade,
Mas a mortal cigueyra, & a demencia,
E o titulo, te honrou de Deydade.
O sabio tem dominio na influencia,
Celeste, & na potencia da vontade,
E se o fim não alcança desejado,
He por não ser o meyo accommodado.

Este

Este meyo faltarà ao velho inuicto,
Mas não cometerà nenhum defeyto,
Que o seu calificado, & alto esprito,
Lhe farà á quanto deue ter respeyto.
Aqui Balisario, & Pacheco afflicto,
Cerra com elle o numero perfeyto,
Sobre os tres, hua duuida se excita,
Qual foy mais, se o esforço, se a desdita?

Foy o filho de Anchises, foy Achates,
A região do Caos litigioso,
Com ramo douro fino, & de quilates,
Chegando ao campo Eliseo deleytoso.
Quão mal por falta deste, a muytos trates
(ó sorte) neste tempo trabalhoso,
Bem claro no lo mostra a experiencia,
Em poder mais que a justiça à aderencia,

Mas deyxando (dizia) ao tempo auaro,
Cousas que Deos eterno, & elle cura,
Eternando ao Presagio, nouo, & raro,
Que na parte mental se me figura.
De Iorge Dalbuquerque, forte, & claro,
A despeyto direy da enueja pura:
Pera o qual monta pouco a culta Musa,
Que Mæoneo em louuar Achilles vsa.

Bem

Bem sey que se seus feytos não sublimo,
He roubo que lhe faço muy notauel,
Se o faço como deuo, sey que imprimo,
Escandalo no vulgo variauel.
Mas o dente de Zoylo, nem Minimo,
Estimo muyto pouco, que agradauel,
He impossivel ser, nenhum que canta,
Proezas de valor, & gloria tanta.

Hua cousa me faz difficuldade,
E o esprito prophetico me cansa,
A qual he ter no vulgo authoridade,
Só aquillo a que sua força alcança.
Mas se he hum caso raro, ou nouidade,
Das que de tempo em tepo, o tepo lãça,
Tal credito lhe dão, que me lastima,
Ver a verdade, o pouco que se estima.

E prosseguindo (diz) que Sol luzente,
Ve Douro as brancas nuues perfilando,
Que está com braço indomito, & valete,
A fama dos antigos eclipsando.
Em que o esforço todo juntamente,
Se está como em seu centro tresladando,
He Iorge Dalbuquerque, mais inuicto,
Que o que deceo ao Reyno de Coryto,

Depois de ter o Barbaro diffuso,
E roto: As portas fecharà de lano,
Por vir ao Reyno do valente Luso,
E tentar a fortuna do Oceano.
Hum pouco aqui Proteu, como confuso,
Estaua receando o graue dano,
Que auia de acrescer ao claro Herôe,
No Reyno aonde viue Cimothôe.

Sey muy certo do fado (prosseguia)
Que trarà o Lusitano por designo,
Escurecer o esforço, & valentia,
Do braço Assirio, Grego, & do Latino.
Mas este presuposto, & phantasia,
Lhe tirarà de enueja o seu destino,
Que conjurando com os Elementos,
Abalarà do Mar os fundamentos.

Porque Lemnio cruel, de quem descende,
A Barbara progenie, & insolencia,
Vendo q o Albuquerque tanto offende,
Gente que delle tem a descendencia.
Com mil meos illicitos pretende,
Fazer irreparauel resistencia,
Ao claro Iorge, baroil, & forte,
Em quem não dominaua a varia sorte.

Na parte

Na parte mais secreta da memoria,
Terà muy escripta, impressa, & estãpada,
Aquella triste, & maranhada Historia,
Com Marte, sobre Venus celebrada,
Verà que seu primor, & clara gloria,
Ha de ficar em Lethe sepultada,
Se o braço Portugues victoria alcança,
Da nação, que tem nelle confiança.

E com rosto cruel, & furibundo,
Dos encouados olhos scintillando,
Feruido, impaciente, pello mundo,
Andarà estas palauras derramando.
Pode Nictelio só no Mar profundo,
Soruer as Naos Mæonias nauegando,
Não sendo mór Senor, ne mais possante,
Nem filho mais mimoso do Tonante?

E pode Iuno audar tantos enganos,
Sem razão, contra Troya machinando,
E fazer que o Rey justo dos Troyanos,
Andasse tanto tempo o Mar sulcando?
E que vindo no cabo de dez annos,
De Scilla, & de Caribdis, escapando,
Chegasse á desejada, & nova terra,
E co Latino Rey tiuesse guerra?

E pode Pallas subuerter no Ponto,
O filho de Oyleu per causa leue?
Tentar outros casos que não conto,
Por me não dar lugar o tempo breue?
E que eu por mil razões, que não apõto,
A quem do fado, a ley render se deue,
Do que tenho tentado, ja desista,
E a gente Lusitania, me resista?

Eu por ventura sou Deos indigente,
Nascido da progenie dos humanos,
Ou não entro no numero dos sete,
Cœlestes, immortaes, & soberanos?
A quarta Esphera a mim não se comete?
Nã tenho em meu poder os Cetimanos?
Ioue não tem o Ceo, o Mar Tridente?
O Plutão, o Reyno da danada gente?

Em preço, ser, valor, ou em nobreza,
Qual dos supremos he mais queu altiuo?
Se Neptuno do Mar tem a braueza,
Eu tenho a região do fogo actiuo.
Se Dite afflige as almas com crueza,
E vos Cyclopes tres, com fogo viuo,
Se os rayos vibra Iove, irado, & fero,
Eu na forja do monte lhos tempero?

E com

E com ser de tam alta Magestade,
Não me sabem guardar nenhu respeito?
E hum povo tam pequeno em quantidade,
Tantas batalhas vence a meu despeyto?
E que seja aggressor de tal maldade,
O adultero lascivo do meu leyto?
Não sabe que meu ser ao seu precede,
E que prendello posso noutra rede?

Mas seu intento não pora no fito,
por mais que contra mim o Ceo conjure,
Que tudo tem em fim termo finito,
E o tempo não ha cousa que não cure,
Mouerey de Neptuno o gram districto,
Pera que meu partido mais segure,
E quero ver no fim desta jornada,
Se val a Marte, escudo, lança, espada.

Estas palauras taes, do cruel peyto,
Soltará do Cyclôpes, o tyranno,
As quaes procurará pór em effeyto,
Aas cauernas, decendo do Oceano.
E com mostras damor brando, & aceyto,
De ti Neptuno claro, & soberano,
Alcançarà seu fim: O nouo jogo,
Entrar no Reyno Dagoa o Rey do fogo.

Logo da Patria Æolia viram vintos,
Todos como esquadrão, muy be formado,
Euro, Noto, os Maritimos assentos,
Teram com seu furor demasiado.
Fara natura varios mouimentos,
O seu Caos repetindo ja passado,
De sorte que os varões fortes, & validos,
De medo mostrarão os rostos pallidos.

Se Iorge Dalbuquerque soberano,
Com peyto juuenil, nunca domado,
Vencerà da Fortuna, & Mar insano,
A braueza, & rigor inopinado.
Mil vezes o Argonauta deshumano,
Da sede, & cruel fome estimulado,
Vrdirà aos consortes morte dura,
Pera darlhes no ventre sepultura.

E vendo o Capitão calificado,
Empresa tam cruel, & tam inica,
Per meyo muy secreto, accommodado,
Della como conuem se certifica.
E dua graça natural ornado,
Os peytos alterados, edifica,
Vencendo com Tulliana eloquencia,
Do modo que direy, tanta demencia.

Compa-

Companheyros leaes, a quem no Coro,
Das Musas, tem a fama enthronizado,
Não deveis ignorar, que não ignoro,
Os trabalhos que aueis no Mar passado.
Respondestes té gora com o foro,
Deuido á nosso Luso celebrado,
Mostrandouos mais firme contra a sorte,
Do que ella contra nos se mostra forte.

Vos de Scilla, & Caribdis escapando,
De mil bayxos, & sirtes arenosas,
Vindes num lenho concauo cortando,
As inquietas ondas espumosas.
Da fome, & da sede, o rigor passando,
E outras faltas em fim difficultosas,
Conuemvos acquirir hua força noua,
Que o fim as cousas examina, & proua.

Olhay o grande gozo, & doce gloria,
Que tereis, quando postos em descanso,
Contardes esta larga, & triste historia,
Iunto do patrio lar, seguro, emenso.
O que vay da batalha, a ter victoria,
O que do Mar inchado, a hum remanso,
Isso então auerá de vosso estado,
Aos males que tiverdes ja passado.

Per perigos crueis, per casos varios,
Emos dentrar no porto Lusitano,
E supposto que temos mil contrarios,
Que se parcialidão com Vulcano.
De nossa parte os meyos ordinarios,
Não faltem, que não falta o Soberano,
Poupayuos pera a prospera fortuna,
E aduersa, não temais por importuna.

Os heroycos feytos dos antigos,
Tende viuos, & impressos na memoria,
Ali vereis esforço nos perigos,
Ali ordem na paz, digna de gloria.
Ali com dura morte de inimigos,
Feyta immmortal a vida transitoria,
Ali no mór quilate de fineza,
Vereys aposentada a Fortaleza.

Agora escurescer quereis o rayo,
Destes Barões tam claros, & iminentes,
Tentando dar principio, & dar ensayo,
Aa cousas temerarias, & indecentes.
Imprimem neste peyto, tal desmayo,
Tam graues, & terribeis accidentes,
Que a dór crescida, as forças me quebranta,
E se pega a voz debil á garganta,

De que

De que seruem proezas, & façanhas,
E tentar o rigor da sorte dura?
Que aproueyta correr terras estranhas,
Pois faz hum torpe fim a fama escura?
Que mais torpe, que ver huas entranhas,
Humanas, dar à humanos sepultura,
Cousa que a natureza, & ley empede,
E escassamente ás Feras só concede.

Mas primeyro crerey, que ouue Gigantes,
De cem mãos, & da Mãy Terra gerados,
E Chimeras ardentes, & flammantes,
Com outros feros monstros encantados.
Primeyro que de peytos tam constantes,
Veja sair effeytos reprouados,
Que não podem (falando simplemente)
Nascer treuas da luz resplandescente.

E se determinais a cega furia,
Executar, de tam feroz intento,
A mim fazey o mal, a mim a injuria,
Fiquem liures os mais de tal tormento.
Mas o Senhor que assiste na alta Curia,
Hum mal atalhará tam violento,
Dandonos brando Mar, vento galherno,
Com que vamos no Minho entrar paterno.

6 Tais palauras do pèyto seu magnanimo,
Lançará o Albuquerque famosissimo,
Do soldado remisso, & pusillanimo,
Fazendo com tal practica fortissimo.
E assim todos concordes, & num animo,
Vencerão o furor do Mar brauissimo,
Até que ja a Fortuna denfadada,
Chegar os deyxe á Patria desejada.

Aa Cidade de Vlyses destroçados,
Chegarão da Fortuna, & Reyno salso,
Os Templos visitando Consagrados,
Em procissão, & cada qual descalço.
Desta maneyra ficarão frustrados,
Os pensamentos vãos, de Lemnio falso,
Que o mao tirar não pode o beneficio,
Que ao bom, te prometido o Ceo propicio.

Neste tempo Sebasto Lusitano,
Rey, que domina as agoas do gram Douro,
Ao Reyno passará do Mauritano,
E a lança tingirá com sangue Mouro:
O famoso Albuquerque mais vfano,
Que Iason na conquista douco Douro,
E seu Irmão Duarte valeroso,
Irão co Rey altiuo Imperioso.

Nua

Nua Nao, mais que Pystris, & Centauro,
E que Argos venturosa celebrada,
Partirão a ganhar o verde Lauro,
Aa regeão da secta reprouada.
E depois de chegar ao Reyno Mauro,
Os dous irmãos, com lança, & com espada,
Farão nos Agarenos mais estrago,
Do que em Romanos fez o de Carthago.

Mas, ha inuida sorte, quam incertos,
São teus bens, & quam certas as mudanças:
Quam breuemente cortas os enxertos,
A huas mal nacidas esperanças.
Nos mais riscosos trances, nos apertos,
Antre mortaes pelouros, antre lanças,
Prometes triumphal palma, & victoria,
Pera tirar no fim, a fama, a gloria.

Assim succederá nesta batalha,
Ao mal afortunado, Rey vfano,
A quem não valerá prouada malha,
Nem escudo dobreyros de Vulcano.
Porque no tempo que elle mais trabalha,
Victoria conseguir do Mauritano,
Num momento se vé cego, & confuso,
E com seu esquadrão, roto, & diffuso.

Ante-

Anteparou aqui Proteu, mudando,
As córes, & figura monstruosa,
No gesto, & mouimento seu, mostrando,
Ser o que ha de dizer, cousa espantosa.
E com noua efficacia começando,
A soltar a voz alta, & vigorosa,
Estas palauras taes tira do peyto,
Que he cofre de prophetico conceyto.

Antre armas desiguaes, antre tambores,
De som, confuso, rouco, & redobrado,
Antre cauallos brauos corredores,
Antre a furia do pó, que he salitrado.
Antre sanha, furor, antre clamores,
Antre tumulto cego, & desmandado,
Antre nuuens de settas Mauritanas,
Andarâ o Rey das gentes Lusitanas.

No animal de Neptuno, ja cansado,
Do prolixo combate, & mal ferido,
Serà visto por Iorge sublimado,
Andando quasi fora de sentido.
O q vendo o grande Albuquerque ousado,
De tam tragico passo condoydo,
Ao peyto fogo dando, aos olhos agoa,
Taes palauras dirà, tintas em magoa.

Tam

Tam infelice Rey, como esforçado,
com lagrimas de tantos tam pedido,
Com lagrimas de tantos alcançado,
Cõ lagrimas do Reyno, em fim perdido.
Vejouos co cauallo ja cansado,
A vos, nunca cansado, mas ferido,
Saluay em este meu, à vossa vida,
Que a minha, pouco vay, em ser perdida.

Em vos do Luso Reyno, a confiança,
Estriba, como em base só fortissimo,
Com vos ficardes viuo, segurança,
Lhe resta de ser sempre florentissimo.
Antre duros farpões, & Maura lança,
Deyxay este vassallo fidelissimo,
Que elle fará por vos mais que Zopiro,
Por Dario, até dar final suspiro.

Assim dirá o Heroé, & com destreza,
Deyxará o genete velocissimo,
E a seu Rey o dará : O Portuguesa,
Lealdade do tempo florentissimo.
O Rey promete, Se de tal empresa,
Sae viuo, o fará senhor grandissimo,
Mas tè nisto lhe será auara a sorte,
Pois tudo cubrirá, com sombra a morte.

Com

Com lagrimas damor, & de brandura,
De seu Senhor querido, ali se espede,
E que a vida importante, & mal segura,
Assegurasse bem, muyto lhe pede.
Torna á batalha sanguinosa, & dura,
O esquadrão rompe, dos de Mafamede,
Lastimá, fere, corta, fende, mata,
Dessepa, apouca, assola, desbarata.

Com força não domada, & alto brio,
Em sangue Mouro todo ja banhado,
Do seu, vendo correr hum caudal Rio
De giolhos se pós debilitado.
Alidando à mortaes golpes desuio,
De feridas medonhas trespassado,
Serà captiuo, & da proterua gente,
maniatado em fim muy cruelmente.

Mas, a donde me leua o pensamento?
Bem parece que sou caduco, & velho,
Pois sepulto no Mar do esquescimento,
A Duarte sem par, dicto Coelho.
Aqui mister auia hum nouo alento,
Do poder Diuinal, & alto Conselho,
Porque não ay que feytos taes presuma,
A termo, reduzir, & breue suma?

Mas

Mas se o Ceo transparente, & alta Curia,
Me for tam fauorauel, como espero,
Com voz sonora, com crescida furia,
Ey de cantar, Duarte, & Iorge fero.
Quero liurar do tempo, & sua injuria,
Estes claros Irmãos, que tanto quero,
Mas tornando outra vez á triste Historia,
Hum caso direy digno de memoria.

Andaua o nouo Marte destruindo,
Os esquadrões soberbos Mauritanos,
Quando sem tino algum, vio ir fugindo,
Os timedos, & lassos Lusitanos.
O que de pura magoa, não sufrindo,
Lhe diz: Donde vos is homes insanos?
Que digo homes, estatuas sem sentido,
Pois não sentis o bem que aueis perdido?

Olhay aquelle esforço antigo, & puro,
Dos inclitos, & fortes Lusitanos,
Da Patria, & liberdade, hum firme muro,
Verdugo de arrogantes Mauritanos.
Exemplo singular pera o futuro,
Dittado, & resplandor de nossos annos,
Subjeyto muy capaz, materia digna,
Da Mantuana, & Homerica Buzina.

Ponde

Ponde isto por espelho, por treslado,
Nesta tam temeraria, & noua empresa,
Nelle vereis, que tendes ja manchado,
De vossa descendencia, a fortaleza.
Aa batalha tornay com peyto ousado,
Militay sem receo, nem fraqueza,
Olhay que o torpe medo he Crocodillo,
Que custuma, a quem foge, perseguillo.

E se o dito, a tornar vos não compelle,
Vede donde deixais o Rey sublime?
Que conta aueis de dar ao Reyno delle?
Que desculpa tera tam graue crime?
Quem auera, que por trayção não selle,
Hu mal, q tanto mal, no mudo imprime?
Tornay, tornay, inuictos Portugueses,
Cerceay malhas, & fendey arneses.

Assim dirà: Mas elles sem respeyto,
Aa honra, & ser de seus antepassados,
Com pallido temor, no frio peyto,
Iram per varias partes derramados.
Duarte vendo nelles tal defeyto,
Lhe dirà: Corações effeminados,
Là contareys aos viuos, o que vistes,
Porque eu direy aos mortos, que fugistes.

Neste

Neste passo carrega a Maura força,
Sobre o Barão insigne, & vellicoso,
Elle onde vé mais força, ali se esforça,
Mostrandose no fim, mais animoso.
Mas o fado que quer, que a razão torça,
O caminho mais recto, & proueytoso,
Fara que num momento abreuiado,
Seja captiuo, preso, & mal tratado.

Eis ambos os irmãos em captiueyro,
De peytos tam proteruos, & obstinados,
Por copia innumerauel de dinheyro,
Serám (segundo vejo) resgatados.
Mas o resgate, & preço verdadeyro,
Por quem os homens forão libertados,
Chamara neste tempo o gram Duarte,
Pera no claro Olimpo lhe dar parte.

O Alma, tam ditosa, como pura,
Parte a gozar dos dotes dessa gloria,
Donde teras a vida tam segura,
Quanto tem de mudança a transitoria.
Goza là dessa luz, que sempre dura,
No mundo gozaras da larga historia,
Ficando no lustroso, & rico Templo,
Da Nimpha Gigantea por exemplo.

Mas em quanto te dam a sepultura,
Contemplo a tua Olinda celebrada,
Cuberta de funebre vestidura,
Inculta, sem feyção descabellada.
Queroa deyxar chorar morte tam dura,
Té que seja de Iorge consolada,
Que por ti na Vlyssea fica em pranto,
Em quanto me disponho a nouo canto.

Não mais esprito meu, que estou cansado,
Deste diffuso, largo, & triste Canto,
Que o mais será de mim depois cantado,
Per tal modo, que cause ao mundo espanto.
Ia no balcão do Ceo, o seu toucado,
Solta Venus mostrando o rosto Sancto,
Eu tenho respondido co mandado,
Que mandaste Neptuno sublimado.

Assim diz: & com alta Magestade,
O Rey do Salso Reyno, ali falando,
Diz: Em satisfação da tempestade,
Que mandey a Albuquerque venerando.
Pretendo, que a mortal posteridade,
Com Hymnos o ande sempre sublimando,
Quando vir, que por ti o foy primeyro,
Com fatidico esprito verdadeyro.

Aqui

Aqui deu a tudo, & breuemente,
entra no Carro Christal lustroso,
Apos delle, a demais Cœrulea gente,
Cortando a vea vay do Reyno acoso.
Eu que a tal espectaculo presente,
Estiue, quis em Verso numeroso,
Escreuelo, por ver que assim conuinha,
Pera mais perfeyção da Musa minha.

SONCETO PER

Eccos, ao mesmo Senhor Iorge Dalbuquerque Coelho.

GRAN IORGE, ✠ ✠ ✠
Por su ser, Llamado ☞ Amado,
Querer mi Verso celebrarte, ✠ ✠ ✠ ☞ Arte,
Ni quanto el Cielo acà ✠ ✠ ✠
reparte, ☞ Parte,
Menor, diran, de tu sagrado: ☞ Grado,
Por lo que has con valor sobrado, ☞ Obrado
Se occupa siempre en sublimarte, ☞ Marte,
Y para en algo accomodarte, ☞ Darte,
Quiso tan alto, y requestado: ☞ Estado,
Tu eres la gloria, y la columna, ☞ Luna,
De Lusitania, y refulgente, ☞ Gente,
Por quien llamarse, venturosa: ☞ Osa,
Y el Cielo que tal don consiente, ☞ Siente,
Que te dio por suerte opportuna, ☞ Vna,
Señora excelsa, y grandiosa: ☞ Diosa.

LAVS DEO

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

21—Rua Primeiro de Março—21

1873

JAN 14 '68H
352
DEC 20 '71H
CANCELLED